

O preço / Quitação / posse / resgate

- O passado está extinto. Estes onze meses, não fomos nós que os vivemos, mas aqueles que se acabam de separar, e para sempre. Não sou mais sua mulher; o senhor já não é mais meu marido. Somos dois estranhos. Não é verdade? Seixas confirmou com a cabeça. - Pois bem, agora ajoelho-me eu a teus pés, Fernando, e suplico-te que aceites meu amor que nunca deixou de ser teu, ainda quando mais cruelmente ofendia-te. A moça travara das mãos de Seixas e o levava arrebatadamente ao mesmo lugar onde cerca de um ano antes ela infligira ao mancebo ajoelhado a seus pés, a cruel afronta. - Aquela que te humilhou, aqui a tens abatida, no mesmo lugar onde ultrajou-te, nas iras de sua paixão. Aqui a tens implorando teu perdão e feliz porque te adora, como o senhor de sua alma. Seixas ergueu nos braços a formosa mulher, que ajoelhara a seus pés; os lábios de ambos se uniam já em férvido beijo, quando um pensamento funesto perpassou no espírito do marido. Ele afastou de si com um gesto grave a linda cabeça de Aurélia, iluminada por uma aurora de amor, e fitou nela o olhar repassado de profunda tristeza.

- Não, Aurélia! Tua riqueza separou-nos para sempre.

A moça desprende-se dos braços do marido, correu ao toucador, e trouxe um papel lacrado que entregou a Seixas.

- O que é isto, Aurélia?

- Meu testamento.

Ela despedaçou o lavre e deu a ler a Seixas o papel. Era efetivamente um testamento em que ela confessava o imenso amor que tinha ao marido e o instituía seu universal herdeiro. - Eu o escrevi logo depois do nosso casamento; pensei que morresse naquela noite, disse Aurélia com gesto sublime. Seixas contemplava-a com os olhos rasos de lágrimas.

- Esta riqueza causa-te horror? Pois faz-me viver, meu Fernando. É o meio de a repelires. Se não for bastante, eu a dissiparei.

As cortinas cerraram-se, e as auras da noite, acariciando o seio das flores, cantavam o hino misterioso do santo amor conjugal.

— Se eu tivesse um homem que fosse meu, eu o teria... seguido até o inferno.

Eu

teria... que... Enfim, eu teria querido morrer por ele. Morrerei sem saber o que é a

vida. A senhorita acredita que esse velho Cornoiller, que é um homem bom apesar

de tudo, anda rodeando a minha saia por causa do meu dinheiro, como esses que vêm aqui farejar a fortuna do patrão fazendo-lhe a corte? Vejo isso

porque sou fina,
apesar de grossa como uma torre. Pois bem, senhorita, isso me agrada,
embora não
seja amor.

Um de seus primeiros atos foi dar mil e duzentos francos de renda vitalícia a Nanon, que, com os seiscentos outros francos que já possuía, se tornou um rico partido. Em menos de um mês, passou de donzela a senhora, sob a proteção de Antônio Cornoiller, que foi nomeado guarda geral das terras e propriedades da srta. Grandet.

Ao sair da velha casa, Nanon, que era estimada por toda a vizinhança, não recebeu senão cumprimentos enquanto descia a rua tortuosa dirigindo-se à igreja. Como presente de núpcias, Eugênia lhe deu três dúzias de talheres. Cornoiller, surpreso com tal magnificência, falava da patroa com lágrimas nos olhos. Seria capaz de se fazer cortar em pedaços por ela. Tornada a mulher de confiança de Eugênia, a sra. Cornoiller desfrutou, desse dia em diante, uma felicidade para ela igual à de possuir um marido. Passou a ter, afinal, uma despensa para abrir e fechar, provisões a distribuir pela manhã, como fazia seu finado patrão. Além disso, tornou-se chefe de duas empregadas, uma cozinheira e uma criada de dentro encarregada de manter em ordem a roupa da casa e fazer os vestidos da senhorita. Cornoiller acumulou as funções de guarda e administrador. É inútil dizer que a cozinheira e a criada de dentro escolhidas por Nanon eram verdadeiras pérolas. A srta. Grandet tinha, assim, quatro servidores cuja dedicação não conhecia limites. Os granjeiros não se aperceberam da morte do velho, tão severos eram os usos e os costumes de sua administração, que foi cuidadosamente continuada pelo casal Cornoiller.
